

A Descida do Deus Trindade – A Kénosis da Trindade¹

Eduardo dos Santos
Prof. Dr. Donizete José Xavier

RESUMO

Este artigo apresenta a kénosis da Santíssima Trindade, manifestada na história de seu povo, como resposta a um mundo globalizado, veloz, porém frio, distante e egoísta. Kénosis é o ato de se esvaziar de si mesmo, sem perder a própria identidade, para se fazer abertura ao outro e se encontrar no outro. Ela é um chamado do Pai ao teólogo a ser discípulo-missionário de Jesus pela força, sabedoria e coragem do Espírito Santo para assim ser sinal e seta, hoje.

Palavras Chaves: Kénosis - Santíssima Trindade – Ser Humano – Teólogo – Tempos Atuais

ABSTRACT

This article represent the Kénosis of the Hole Trinity expressed in the history of its people, as an answer to a globalized world, fast but cold, distant and selfish. Kénosis is the act of emptying yourself without losing your identity, to get open to others and find yourself in others. It is the calling from the Father to the theologian, from him to be can Jesus's disciple and missionary through the power, wisdom and braveness of the Hole Spirit, from him to be signal and arrow today.

Key Words: Kénosis – Trinity – Human Been – Theologian – Actually Time

¹ Este trabalho tem como base a monografia de Eduardo dos Santos. O qual foi apresentado no V Congresso de Teologia do Estado de São Paulo, em São Paulo capital, e no II Congresso Internacional de Estudante de Teologia, em Quito – Equador.

O II CIET preza por valorizar e incentivar a construção teológica dos estudantes de Teologia. Foi uma experiência inesquecível e enriquecedora. Algumas realidades arderam em nossos corações: o valor da diversidade de vivências, de teologia; a imensidão e riqueza de nossa

INTRODUÇÃO

Grandes questões têm acompanhado o humano ao longo de toda a história. Ontologicamente, o humano está constituído como capacidade interrogativa. Em todas as perguntas que faz, Deus é a pergunta latente em todas as suas indagações. A pergunta sempre o levará às relações. O humano pergunta pelo sentido da vida, por isso se abre transcendentemente e se relaciona verticalmente com o Mistério. Pergunta pelo mundo, por isso se abre à sua dimensão horizontal que o constitui como corporeidade relacional. Se esta é a verdade do humano, como situá-lo num mundo onde os relacionamentos estão cada vez mais frios, impessoais e distantes? Não haveria a necessidade de resgatar a dimensão relacional do humano? Se isto é necessário, qual o método adequado? Qual o ponto de partida para tal reflexão? Deus, ao entrar na história, quis que essa lhe pertencesse, tornando-se, assim, o Deus da história que, kenoticamente, fez desta mesma história a história de Deus. O Deus da história é o Deus kenótico, e o Deus kenótico é aquele que nada esconde de si, mas se dá inteiramente, sem perder nada. Deus é relação, e por ser relação, é Pessoa. Pessoa que sai de si para buscar a Outra, para se dar à Outra, para perder-se na Outra e, assim, ser ela mesma. Com esta compreensão, se inicia a kénosis da Trindade. Nela, tudo é relação, por isso tudo é Amor. Deus é relação, e por isso quer livremente dar-se inteiramente ao humano. Ao doar-se, Deus está amando; amando, está se doando. Neste movimento de amar e doar-se, de sair de si e buscar o outro, encontra-se a grande eloquência deste tema interessante, desafiador, pouco discutido e estudado. Em nossas realidades, (tanto na reflexão como na ação pastoral) não se reflete sobre esta questão, embora tenha sido trabalhado desde a patrística. Ele envolve o ponto mais íntimo de Deus e do humano: a sua liberdade e vontade. Deus escolheu, livremente, se esvaziar para se encontrar na relação: no relacionar-se das pessoas divinas na Trindade e do humano. Assim, também o humano é chamado a assumir sua natureza kenótica de relação e encontro consigo mesmo, com o outro e com Deus.

Este assunto é de suma importância num mundo globalizado e veloz, onde o humano se torna cada vez mais frio e fechado em si mesmo, impos-

America Latina e Caribe; a importância do incentivo aos estudantes na produção de teologia; e, por fim, a necessidade de retomarmos, revalorizarmos e repensarmos a Teologia Latino-Americana, que é fruto de nosso contexto, história e cultura, é um jeito totalmente nosso, aprofundando nas raízes de sua essência e abrindo para os sinais dos tempos.

sibilitando as relações (a não serem as metódicas, mecânicas e obrigatórias) com outro humano e com Deus. Essa relação se refere apenas às letras frias de conceitos abstratos e distantes da realidade e do humano, mas quer chegar ao calor da vivência, da experiência do ser kenótico.

Há uma grande dificuldade em se tratar de Kénosis. Vivencia-se uma realidade, uma filosofia, uma teologia onde, no máximo, especula-se sobre a essência como algo existente e concreto, mas não vivo e dinâmico.

A kénosis deve ser entendida não apenas como algo ontológico, simplesmente existencial, mas como um agir existencial. A kénosis é a ação de Deus presente na história; uma presença atuante, que, esvaziando-se, não quis ser tratado como Deus, mas como servo. O Deus que se faz servo-escravo é aquele que escandaliza a lógica do prepotente e quebra toda arrogância como caminho de realização humana. O humano só se realizará humanamente à medida que se dispõe a caminhar pelos mesmos caminhos escolhidos e experimentados pelo Deus-kenótico.

Portanto, a kénosis é viva, atuante; chama à experiência e a ser experimentada; a ser vivida, atualizável e atuante através da ação do Autor Deus, e dos co-autores da vida: os homens.

1. O QUE É KÉNOSIS

“Kenose: Kénosis, kenótico, de kenoo, esvaziar, extenuar, reduzir a nada; estado de humilhação [...]”.² “A sua significação teológica está no fato de o Novo Testamento utilizá-la para expressar a realidade de Jesus Cristo, Filho/Verbo de Deus que, sendo Deus, a Segunda Pessoa da Trindade, aniquilou-se, humilhou-se e assumiu a condição humana”.³ Sendo humano tornou-se servo.

A palavra kénosis é uma herança da Patrística Oriental que trata do movimento, da dinamicidade de Deus que vem ao encontro do humano. Para os orientais, o conhecimento só se dá no relacionamento. Portanto, Deus, para ser conhecido e conhecer o humano, deve ir ao encontro desse

² Koubetch, Volodemer. *Da criação a parúsia* – linhas mestras da teologia cristã oriental. São Paulo: Paulinas, 2004. Pp. 188.

³ Xavier, Donizete José. *A teologia da Santíssima Trindade* – Kénosis das Pessoas Divinas como manifestações do amor e da misericórdia. São Paulo: Palavra e Prece Editora, 2005. Pp. 87.

humano, relacionar-se com ele, e se dar a relacionar. O termo foi fundido a partir do hino de Filipenses 2, 6-11. Kénosis é o sair de si sem deixar de ser o “si” mesmo. É um auto-esvaziamento. É se esvaziar para se encontrar no outro, sem perder a própria identidade.

Entretanto, a kénosis de Deus não se dá somente na pessoa de Jesus, ela é trinitária. Há dois momentos kenóticos: 1 – quando falamos de Trindade imanente, ad intra, no Deus em si mesmo. Balthasar a chama de kénosis primordial (primeira kénosis ou original). É uma ação dinâmica, teológica donde o amor não se contém; ele transborda. Ela se dá nas relações internas entre as Pessoas da Trindade. Chamamos essa relação de pericorese (termo fortemente cristológico-trinitário). É o Pai que se esvazia de sua condição de Pai para se encontrar no Filho, sem deixar de ser Pai; o Pai só é Pai em relação ao Filho, e o Filho que se esvazia de sua condição de Filho para se encontrar no Pai, sem deixar de ser Filho; o Filho só é Filho em relação ao Pai, e o Espírito Santo que é o próprio amor kenótico e a relação; o Espírito se dissimula do seu ser pessoa para ser a relação de amor entre o Pai e o Filho; ele é o movimento, a dinâmica, sem deixar de ser hipóstase (pessoa); é Pessoa-dom-que-se-dá. Fica abscôndito, como que dissimulado na relação e no amor entre o Pai e o Filho. O Pai é o amor que se doa, é o AMANTE; o Filho é o amor que recebe, o AMADO, e o Espírito é o próprio AMOR. 2 – Na Trindade econômica, no Deus que se revela na história da salvação e na nossa história, é a kénosis na nossa história. É o projeto de amor do Pai que se inicia na criação e na história do povo eleito, se plenifica no Filho por meio do Espírito até nossos dias. Sobre isto, que iremos aprofundar.

A kénosis é um escândalo, fruto, somente, de um manikon eros⁴. Este amor louco brota da liberdade de Deus. Liberdade que busca o relacionamento na Trindade até o relacionamento histórico e permanente consigo e com o humano. Ela foi tratada na patrística, referindo-se a pessoa de Jesus Cristo, segunda pessoa divina da Trindade. Com a teologia moderna, surgiram várias teorias (luterana, calvinista, da escola de Giessen, da escola de Tubingen) as quais, apesar das divergências, afirmavam que a Kénosis afeta diretamente a humanidade. “Elas consideravam a exaltação e

⁴ Termo utilizado pelos Padres da Igreja para especificar o amor louco de Deus pelo humano, totalmente desinteressado e fruto da suprema liberdade divina. Cf. Koubetch. *Da criação à parúsia*, pp. 94.

a humilhação de Cristo tão somente segundo sua natureza humana e não uma humilhação do próprio Filho de Deus. Dessa maneira, eles não tocam o ponto central da kénosis.”⁵.

Na Teologia contemporânea, Kénosis “[...] significa a pessoa despojar-se, por amor, do que lhe é próprio, dar-se totalmente para fazer-se um com os outros, para viver o outro, para permitir que o outro se realize e, desse modo, colocar as condições para ser plenamente ele próprio”.⁶

O Deus se despoja de toda a sua divindade para se relacionar com o humano e chega a despojar-se totalmente para ser servo. A kénosis é ação de um Deus totalmente entregue ao outro para se relacionar e se encontrar no outro; um Deus que testemunha e chama a seguir seus exemplos. O humano, em Deus, é chamado a ser kenótico, a entrar em relacionamento com Deus e com o outro. É chamado a se esvaziar para se encontrar no outro.

O despojamento de Cristo e o esvaziamento têm o princípio da própria natureza do Pai, porque se originam da vontade do Pai e, sem isso, se tornam acidentais e sem fundamento. O fundamento Cristo kenótico – da descida de Jesus aos homens, na encarnação, assim como da natureza humana kenótica – do humano que é chamado, em Deus e por Deus, a descer ao outro; é o Pai kenótico – o Pai que desceu na criação e na história de seu povo; desceu para estar presente, atuante, em suas vidas, pois o Pai é fonte inesgotável, ágape kenótico do amor que se esvazia para descer e se encontrar no outro.

2. KÉNOSIS DO FILHO

Não há como falar de Kénosis sem partir da Kénosis do Filho. Na sua encarnação, na sua vida de humildade e serviço, no go'el (defensor dos que não tem defensores), na sua cruz e na eucaristia, presencia-se a plenitude da kénosis de Deus. Por Ele, o Pai desce ao humano, cumpre todas as suas promessas e institui todo o seu projeto de vida; nele, se faz servo⁷ e se abandona por amor; nele o Espírito Santo se torna pequeno e

⁵ Ibidem. Pp. 984

⁶ XAVIER. *A teologia da Santíssima Trindade*. Pp. 87

⁷ Aqui distingo servo de escravo. Escravo é aquele que faz serviços forçados, obrigados. Servo serve livremente, por vontade e escolha própria. Jesus se fez servo por amor incondicional e plenamente livre. Implicará uma relação de confiança e amor.

simples para se unir ao humano. Portanto, em Jesus podemos ver, sentir, vivenciar o Deus Kenótico. O Pai é o principio da ação kenótica de Deus, mas o Filho é sua plena realização. “A Kénosis do Filho é a Kénosis do Pai acontecendo via o Espírito Santo”⁸. Isso será tratado adiante, com mais profundidade.

Tem-se o costume de olhar só para a cruz para ver o amor, a humilhação, a aniquilação, a oblação, em resumo, o abandono de Jesus aos homens. Mas esse amor pleno não se dá somente na cruz; ele tem seu cume na cruz, porém se revela já na criação, e na encarnação mostra sua plenitude. É a descida de Deus ao humano, que continua até nossos dias e ficará para sempre através do Espírito.

Essa analogia de descida é muito significativa nas Sagradas Escrituras. Deus sempre convida o humano a descer à sua intimidade mais profunda para poder renascer e subir ao encontro de Deus. Deus dá o primeiro passo ao encontro do humano. É Ele próprio que desce primeiramente, despojando-se, aniquilando-se e, depois, desce ao humano para mostrar-lhe como descer em si. Jesus desce na encarnação, desce às águas no batismo, desce aos seus sentimentos, sofrendo junto com seus amigos e com o povo⁹ e, na sua angústia frente ao seu cálice; desce aos sofrimentos da carne e na negação do humano, no abandono total do Pai e dos homens. Só depois de ir às profundezas, pode subir. A Sagrada Escritura usa a palavra elevar; foi elevado pelo humano, na cruz, para depois se elevar, ressuscitado, aos céus. Assim eleva todos os homens com ele.

É imprescindível descer para poder elevar-se. Descida é kénosis, portanto, sem kénosis não há ressurreição, não há glória, não há encontro com Deus. Jesus, após a sua ascensão, envia o seu Espírito: “Mas receberéis uma força, a do Espírito Santo que *descerá* sobre vós”. (Atos 1,8a-b): na descida que se encontra Deus, na kénosis ele se faz presente. Isso se dá pelo Espírito que desce ao humano, chamando-o e capacitando-o para também descer em si e ao outro, para assim ser elevado; descer para elevar, com ele, o humano ao Pai.

⁸ XAVIER. *A teologia da Santíssima Trindade*. Pp. 97

⁹ Retrata as lágrimas de Jesus quando chora pela morte de Lazaro (Jo 11, 22-43) e quando chora sobre Jerusalém que não queria se converter (Lc 19, 41-44).

3. KÉNOSIS DO PAI E KÉNOSIS DO ESPÍRITO SANTO

3.1. Kénosis do Filho como realização da plenitude da Kénosis do Pai e da Kénosis do Espírito

No batismo, o Filho se mostra como o revelador da Trindade¹⁰. É o realizador da plenitude da descida, auto-humilhação, da Trindade aos homens.

Em toda a vida de Jesus estavam presentes o Pai e o Espírito. São inseparáveis. Em cada descida, humilhação, entrega de Jesus, o Pai e o Espírito também descem. É Deus, é a Trindade que desce, que sofre, que se humilha, que se dá pelo humano.

A descida de Jesus, seu serviço, sofrimento e entrega total (auto-abandono) é a descida, serviço, sofrimento e abandono do Pai e do Espírito no Filho e com o Filho. Em analogia, a kénosis do Filho de Deus, Jesus Cristo, Segunda Pessoa da Trindade, pode-se refletir teologicamente a kénosis do Pai e do Espírito Santo.

3.2. Kénosis do Pai

“O amor do Pai é fonte agápica inexaurível, princípio da unidade das pessoas divinas, de toda criação, salvação [e de todo movimento de descida, de humilhação, de toda kénosis da Trindade]”.¹¹ E essa fonte agápica deu ao humano o maior presente, a liberdade. Esse “mistério humano da liberdade constitui o risco do Criador e também a sua kénosis [sua descida e humilhação] mais radical: ‘Deus tudo pode, salvo obrigar o humano a amá-lo’; ‘todo grande amor é necessariamente crucificado’”.¹² “[...] esse Deus mendicante espera humildemente à porta do [coração humano], a fim de que [ele o abra] em liberdade régia”.¹³

É necessário aplicar a Deus a noção, assaz, paradoxal da debilidade invencível. A única resposta adequada consiste em afirmar que “Deus é fraco” e que não pode fazer outra coisa senão sofrer conosco; o sofrimento é “o pão que Deus entre-

¹⁰ MOLTMANN, *Trindade e Reino de Deus*. Pp. 79

¹¹ Koubetch, *Da criação à parúsia*. Pp. 89.

¹² *Ibidem*, Pp. 91.

¹³ *Ibidem*. Pp. 92

divide com o humano”. Fraco, Deus é, certamente, não na sua onipotência formal, mas no seu amor que renuncia livremente à onipotência. Sob esse aspecto de debilidade é que Deus aparece [...], como “amor louco de Deus pelo humano”.¹⁴

Deus assume de tal forma a história e os sofrimentos humanos que, para melhor conhecê-lo, é importante e necessário conhecer o humano. Ele se faz conhecer no humano e na sua história. O Deus distante e inacessível torna-se próximo, tocável, concreto, acessível ao e no humano.

Reflete-se a kénosis do Deus Pai na criação, na história dos Patriarcas, no Êxodo dos hebreus do Egito e durante toda a sua passagem no deserto, na Aliança, no Sinai, até a chegada na terra prometida, no go'el (o defensor dos que não têm defensor), nos profetas. Ou seja, em todo o Antigo Testamento o Pai se revela próximo e esvaziado para se encontrar com a humanidade.

3.3. Kénosis do Espírito

O Espírito também desce. É mediante a sua descida que Deus age na história e no mundo; esta é a auto-humilhação do Espírito.

“O papel específico do Espírito é estabelecer o primeiro contato, que é depois seguido, existencialmente e não cronologicamente, por uma revelação do Filho e, por meio dele, do Pai. O ser pessoal do Espírito permanece misteriosamente oculto, mesmo se ele age em todo momento importante da atividade divina: Criação, redenção, cumprimento final. A sua função não é revelar a si mesmo, mas revelar o Filho [...]”.¹⁵

A sua existência é kenótica, pois sua plenitude é manifestar e revelar a realidade do Logos na criação e na história da Salvação. O papel do Espírito é ligar o Pai ao Filho e o Filho ao Pai, o céu e a terra; Deus com os homens, os homens com Deus e os homens entre si, por meio do amor:

A experiência de Deus, na revelação do Espírito, é posta diante da sua presença histórica, em meio a seu povo, pela qual Nele

¹⁴ Evdokimov, Paul. L'amore folle di Dio. 2.ed. Roma, Paoline, 1983. Col. Dimensioni dello Spirito – 4, apud Koubetch, *Da criação à parúsia*. Pp. 93.

¹⁵ Koubetch, *Da criação à parúsia*, pp. 97.

habita, vive, sofre, é entristecido e se alegra, mostrando um rosto, ao mesmo tempo, transcendente [distante, inacessível], mas tão imanente e próximo que se esconde na vida do humano: é kénosis [a descida] do Espírito, pela qual Deus, sem perder a si, se expõe à humilhação, à dor por amor.¹⁶

Vê-se a kénosis do Espírito no Ruah o sopro da vida e o alento vital do humano e animais, na shekinah a descida e inabitação de Deus no humano, num determinado lugar e em determinado tempo em sua história; nos evangelhos, desde a encarnação de Jesus, sua crucificação até a sua glorificação, como presença invisível, abscôndita, mas sempre como força e dinamicidade para sua missão; em Paulo, como Espírito que desce e incorpora o humano a Cristo, que edifica a Igreja e como uma ação de vida, libertadora, universal sem distinção; nos Atos dos Apóstolos, como protagonista: a descida do Espírito Santo em Pentecostes, em Jerusalém, prepara o nascimento da Igreja; em João como fonte de vida e de amor por excelência que dinamiza toda a comunidade; e nos dias atuais. Ele que estava na criação, na encarnação até a ascensão do Filho, sempre estará na obra de recriação e sustentação da criatura e do cosmo, agindo sempre misteriosamente oculto e humilde.

CONCLUSÃO

O estudo sobre a kénosis leva ao conhecimento concreto e quase palpável da Trindade e nos torna possível um melhor relacionamento com cada uma das Pessoas da Trindade:

- O Filho, que se despoja da sua condição de ser Deus para ser humano. E um humano que se despoja de todos os privilégios para ser pequeno e servir; que se doa, se abandona, se esvazia para encontrar o humano; que vai até as últimas conseqüências, à loucura do lavar os pés e à cruz. E sendo, mesmo assim, totalmente Deus e totalmente humano.
- O Pai que se esvazia para criar, para se relacionar com a criação, que entrega o seu Filho para salvá-la e a sustém no Espírito.
- E o Espírito Santo que desce na criação, na encarnação até a ascensão do Filho e na obra de recriação e sustentação das criaturas. Ele tem a

¹⁶ Ibidem, pp. 98.

função do primeiro contato com Deus, de revelar o Filho e de levar o humano a Deus e ao próximo agindo sempre misteriosamente oculto e humilhado. Sua kénosis está nessa ação. Sem se mostrar, ele quer ser ponte, caminho, não chegada. Ele está escondido nas obras do criador, nas obras do Filho e nas obras de amor dos homens. E, com o Pentecostes, sua ação se torna conhecida plenamente, mas sua pessoa continua não revelada, e oculta.

A partir deste conhecimento e deste relacionamento próximo e concreto com a Trindade, pode-se, mesmo que preliminarmente e sem um estudo mais aprofundado (que é necessário), voltar os olhos para o humano e ver no que implica a ele a kénosis de cada pessoa da Trindade:

- Jesus é aquele que chama, que ensina, e ele o faz para ser seguido, ele mostra que é possível fazer o mesmo, porque ele foi verdadeiramente Deus e verdadeiramente humano. Jesus é o mestre, e chama o humano a seguir o caminho do discipulado, para que viva seus ensinamentos de amor, humildade, misericórdia, serviço, doação, go'el (defensor dos que não têm defensores), de cruz e de ressurreição.
- O humano, como co-criador, é chamado a imitar o Pai no seu amor infinito, louco e kenótico. O humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, para “cultivar e guardar a criação” (Gn 2, 15). E a maior forma, talvez uma das poucas, de ser imagem e semelhança do Pai, é viver o go'el. O humano, quando defende os oprimidos, os fracos, os excluídos, os que não têm defensores, está vivendo o amor kenótico concreto e real do Deus que é Pai.
- O Espírito Santo é o capacitador, o sustentador, aquele que leva o humano a dar uma resposta a Deus. É pelo Espírito Santo que o humano se torna capaz do amor louco e concreto. A ação misteriosa da descida do Espírito faz o humano cumprir sua vocação criacional primeira que é o amor kenótico.

O humano, ao modelo da Trindade, é chamado a se esvaziar para se encontrar no outro. É uma tripla ação kenótica: o encontro com a criatura. Ela se abandona e abandona tudo o que é para guardar e cultivar o cosmo; e o encontro com outros homens, o humano para encontrar o próximo e a comunidade é necessário mutuo abandono e o mutuo esvaziamento, para que possam se encontrar e encontrar um no outro. Criando assim relação;

Por fim, o terceiro e definitivo encontro com Deus, pois quem não se encontra com a criatura, não se encontra com o Criador. Ele, que vem de encontro ao humano, e o humano, em resposta, que vai de encontro Dele. Assim desce ao humano e se esvazia para se relacionar, para conhecer e se tornar conhecido. E o humano, que tem de se esvaziar do seu orgulho, prepotência, de si mesmo, abandonar-se na mão de Deus para se encontrar e encontrar a Deus, para se conhecer e conhecer a Deus.

O teólogo é chamado pelo Pai a viver o amor kenótico sendo discípulo e missionário de Jesus pela força, sabedoria e coragem do Espírito Santo.

Repetimos aqui as palavras do Prof. Ms. Donizete José Xavier orientador deste estudo (professor da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e de outras), na Revista de Cultura Teológica da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção¹⁷:

A compaixão do bom pastor é a força de Deus dissimulada nas atitudes e nas palavras de Jesus, não aceita por um sistema detentor de um poder e de uma força hegemônica e avassaladora que gera assustadoramente novos campos de concentrações e de pobreza. *Auschwitz*, metáfora da exclusão, é, hoje, lá onde o Deus onipotente está enforcado com os enforcados, morto com os mortos, pobre com os pobres, vitimados com todas as vítimas, sofrendo com todos os sofredores. A vida dos pobres e dos excluídos, dos considerados *não-humanos*, dos injustiçados torna-se cada vez mais um lugar teológico. Nela, e a partir dela, cada humano deve lançar o seu grito de indignação e o teólogo compreendê-la como lugar hermenêutico. Ao perguntar-se onde está Deus frente às atrocidades, violências e pobreza estigmatizadas, saberá que Deus está ali, kenoticamente apresentado, revelando-se oculto e escondido dentro desta impotência revelatória, na qual ele já não parece nem mesmo ser Deus e nem mesmo humano, manifestando assim, a sua onipotência de Amor. Descobrir um Deus kenótico é experimentá-lo na história, não como um mago ou curandeiro, capaz de determinar, a toque de magia, o desdobramento desta

¹⁷ XAVIER. Donizete José. A Kenosis da Trindade. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 15, n. 59, p. 43-63, abr/jun 2007.

história marcada pela experiência dolorosa do pecado, do mal e da morte, mas descobri-lo como um Deus apaixonado que ama loucamente o ser humano, por isso se doa eloqüentemente no oferecimento do seu Filho Unigénito. Esse amor louco de Deus não destrói mecanicamente o mal e a morte, ao contrário, ele os assume, pois o Deus-Trindade, através da morte de Jesus, venceu a morte através da morte.

Perguntar por Deus frente às atrocidades cometidas por líderes e estruturas ditatoriais e, sobretudo frente aos sofrimentos experimentados significa para o cristão e, de modo preciso, para o teólogo, comprometer-se com as vítimas e com seus sofrimentos, assumi-los e sofrê-los com os outros através da ação de Jesus ressuscitado e do seu Espírito derramado sobre os crentes. A ação kenótica do Espírito Santo é a certeza de que o Filho segue vivo e continua a sua missão de edificar o Reino de Deus, na ação profética e kenótica da sua Igreja

O humano é, por natureza, um ser kenótico-pericorético, de abertura e relação, e só quando realizar plenamente sua natureza é que será plenamente humano.

Prof. Dr. Donizete José Xavier

Professor na Pontifícia Faculdade de Teologia N. Sra da Assunção/SP.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIA: Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

BINGEMER, Maria Clara L. e FELLER, Vitor Galdino. *Deus Trindade: a vida no coração do mundo: teologia sistemática*. Col. Livros básicos de teologia. São Paulo: Paulinas; Valência, Esp: Siquém, 2003. 173 p

BLANK, Renold J. *Deus na História – centros temáticos da Revelação*. SP: Paulinas, 2005. 278 p.

CONCILIO VATICANO II, *Dei Verbum*, § 2

CONGAR Yves, *A revelação e experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005. 230 p.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI*. RJ: Ed. Nova Fronteira, 1999.
- HEISIG, J. W. *Sunyata e Kénosis*. Análise & Síntese (revista de Filosofia e teologia do Instituto São Bento) 2 [I] (2002) 23, Salvador.
- KOUBETCH, Volodemer. *Da criação a parúsia – linhas mestras da teologia cristã oriental*. São Paulo: Paulinas, 2004. 199 p.
- LASCOTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004. 1967 p.
- MOLTMANN, Jurgen. *Trindade e Reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes. 2000 224 p.
- _____. *O Espírito da Vida – Uma pneumatologia integral*. Petrópolis, RJ: Vozes 1998. 301 p.
- PONTÍFICIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas: 2005. 528 p.
- RIBEIRO, Clarita S. M. *Misterium Paschale; a quenose de Deus segundo Hans Urs Von Balthasar*. São Paulo, Loyola: 2004. 205 p.
- SILVA, Maria Freire da. *Trindade, Teologia da Criação e Ecologia – Teologia da Esperança e Teologia da Libertação no Brasil*. 2002. 301 p. Theses ad Doctoratum in S. Theologia – Pontificia Universitas Gregoriana Facultas Theologiae, Roma.
- XAVIER, Donizete José. A Kenosis da Trindade. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 15, n. 59, p. 43-63, abr/jun 2007.
- XAVIER, Donizete José. *A teologia da Santíssima Trindade – Kénosis das Pessoas Divinas como manifestações do amor e da misericórdia*. São Paulo: Palavra e Prece Editora, 2005. 178 p.